

Elisabete Maria Zanin
Miriam Salete Wilk Wisniewski
ORGANIZADORAS

CONTA *pra nós?*



T. Bourcky
habert



Conta Pra Nós?

Conta Pra Nós?

Elisabete Maria Zanin
Miriam Salete Wilk Wisniewski
(organizadoras)

ERECHIM/RS
2022

Todos os direitos reservados à EDIFAPES.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão dos autores. Os dados e a completude das referências são de inteira e única responsabilidade dos autores.

Conselho Editorial:

Adilson Luíz Stankiewicz (URI / Erechim/RS) - Presidente

Arnaldo Nogaro (URI / Erechim/RS)

Cláudia Petry (UPF / Passo Fundo/RS)

Elcemina Lucia Balvedi Pagliosa (URI / Erechim/RS)

Elisabete Maria Zanin (URI /Erechim/RS)

Maria Elaine Trevisan (UFSM / Santa Maria/RS)

Jadir Camargo Lemos (UFSM / Santa Maria/RS)

Michèle Satto (IFMT / Cuiabá/MT)

Neila Tonin Agranionih (UFPR / Curitiba/PR)

Sergio Bigolin (URI / Erechim/RS)

Yuri Tavares Rocha (USP / São Paulo/SP)

Organização: Elisabete Maria Zanin e Miriam Salete Wilk Wisniewski

Revisão linguística: Mariele Zawierucka Bressan

Ilustrações: Gustavo (Guga), Ivone Demoliner, Nazaré Zílio, Sadi Lando, Taina da Rosa Bourckhardt, Teresinha Zanin

Capa: Arte de Taina da Rosa Bourckhardt

C759 Conta pra nós [recurso eletrônico]? / organização Elisabete Maria Zanin, Miriam Salete Wilk Wisniewski. - Erechim, RS: EdiFAPES, 2022.

1 recurso eletrônico : il.

ISBN 978-65-88528-30-3

Modo de acesso: <http://www.uricer.edu.br/edifapes>
EdiFapes (acesso em: 03 out. 2022).

1.Literatura 2. Crônicas 3. Contos 4. Poesias 5. Escritos -
Acadêmicos de Medicina - URI I. Zanin, Elisabete Maria II.
Wisniewski, Miriam Salete Wilk

C.D.U.: 821(816.5) -1

Catálogo na fonte: bibliotecária Sandra Milbrath (CRB) 10/1278



EDIFAPES

Livraria e Editora

URI ERECHIM

SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação	8
Introdução	10
Mão inteligente	12
Medicina, arte e introspecção	13
Espectro	16
Ouvir	17
Desafio aos olhos	20
Páginas sem fim, joias de valor imensurável	21
É previsível	22
Atores da vida	23
Passagem	25
A partida da bondade	26
Como deve ser?	28
Um caminho... Um lugar	30
Árvore-ser	31
Momentos	32
Reflexos de mim em meu caminho	33
Araras e aráceas	37
A Vida e o Amor	41

5 de junho	43
Jovens	44
Tudo isso é sobre o devir e sobre minhas fugas	45
Vida 360°	48
Coragem	49
Sorte	50
Natal em flor!	52

PREFÁCIO

"A vida divide-se em três períodos: o que se foi, o que está sendo e o que há de vir.
Desses, o que estamos atravessando é breve, o que havemos de atravessar é
duvidoso, o que já atravessamos é certo."
Sêneca

Quantas vezes já nos questionamos sobre o tempo... a vida... a história... No dia do tal "juízo final" o que levarei na minha bagagem? O que terei deixado como herança? E afinal, isso tem importância?

Sim, tem severa importância. Como se constrói a história dos homens sobre a terra, senão pelos seus legados? E desses legados, quais os imortais, aqueles que o tempo não corrói, não destroça, não sepulta? São as palavras. E especialmente aquelas escritas. Como afirma Yuval Noah Harari, em *Sapiens*: uma breve história da humanidade, a nossa espécie deu um salto quando começou a escrever. Ao escrever, lapidamos no nosso cérebro a melhor forma de contar aquilo que queremos contar. E com cuidado, talento e paciência, se vai colocando o pensamento de um jeito encantador. E no intento de encantar, vão se construindo memórias, que viram imagens, colore a vida, eternizam momentos, dão sentido à passagem das pessoas sobre a terra.

O que causa meu deleite nessa obra, e que ora me emociono, ao apresentar, é justamente isso. São palavras que relatam histórias de vida, expressam temores, desejos, emoções... Vejo nos textos, as distâncias, entre as pessoas, encurtarem-se. As palavras lançadas para fora da alma vão fazendo morada na alma de quem as lê. Jogam sentimentos como quem espalha sementes por campos cobertos de desejo de fecundar. E esse desejo de fecundar estará nas mãos e nos olhos do leitor ávido por tempos de esperança e bem-querença.

Quem escreve estabelece relações saudáveis com o mundo, porque a escrita é terapêutica. Assim, louvável o Projeto "Conta para nós", que toma para si a instigante tarefa de "construir" médicos, além de curandeiros das dores do corpo, encantadores de alma.

O tempo certo, reafirmando Sêneca, é esse - o que já se foi e está imortalizado nessa obra.

Miriam, Elisabete, a história já lhes consagra méritos pelo que aqui se apresenta.

Leitura de enlevo é o que desejo para aqueles que sabem deixar fotografado em suas retinas, as palavras dos segundos que já se foram - as palavras do tempo verdadeiro.

Elcemina Lúcia Balvedi Pagliosa
Doutora em Linguística Aplicada - PUCRS
Professora da URI Erechim
Presidente da Academia Erechinense de Letras

APRESENTAÇÃO

A ideia de propor a organização deste livro originou-se como uma forma de reunir, principalmente, as produções literárias dos estudantes que participaram do Projeto "Conta pra nós?" do Curso de Medicina da URI.

"Conta pra nós?" faz parte do *Programa Green Free Spaces for Medicine*, que tem como objetivo exercitar a aproximação e a comunicação humanizada entre os participantes e as pessoas que os acadêmicos vão encontrar durante sua formação e atuação profissional. Busca, também, ao tecer diálogos, a reflexão, para posterior tessitura de textos e imagens, promovendo, assim, a tessitura de laços.

Neste livro se quis, ao resgatar os escritos de nossos estudantes de Medicina, relembrar a beleza e a peculiaridade da produção literária, que caminha junto com a formação acadêmica de quem se prepara para cuidar. Cuidar da vida, cuidar do outro, cuidar de si.

INTRODUÇÃO

"Conta pra nós" foi um projeto organizado em cinco etapas.

A primeira ocorreu no formato de grupo de encontro, mediado por profissional da psicologia que objetivou, por meio de uma vivência intensiva de grupo, aumentar o autoconhecimento e a qualidade das relações pessoais dos participantes.

Nas etapas seguintes, os integrantes do projeto receberam disparadores de criação entre eles, fotografias do cotidiano ou fragmentos de texto, para produzirem relatos no gênero textual que preferissem, refletindo sobre o encaminhado. Cada produção foi analisada por profissionais, que repassaram aos participantes, de forma individualizada, um *feedback* do texto produzido, buscando orientar para a qualidade, cada vez maior, da comunicação.

Os textos produzidos foram publicados na página do curso em *link* especial e serviram de disparadores para que fossem ilustrados, por outros participantes, produzindo, assim, um entrelaçamento harmônico entre as diferentes formas de expressão.

Neste livro, escolhemos alguns textos participantes do projeto e agregamos outros, escritos pelos estudantes de Medicina da URI e professores, em seus momentos de criação literária. Obras de artistas erechinenses participantes dos corredores culturais instalados no Curso de Medicina, ilustram o livro.



Autoria: Taina da Rosa Bourckhardt

Técnica: ilustração à mão livre com grafite e lápis de cor à base de óleo

Mão Inteligente

Elisabete Maria Zanin

A mão que cumprimenta, abençoa e acolhe.
A mão que escreve, lê e fala.
A mão que desenha, pinta e esculpe.
A mão que toca, marca o ritmo e faz música.
A mão que disseca, monitora e sutura.
A mão que afaga, cuida e traz a vida.
A mão que entrelaça - medicina e arte.

As mãos aplaudem!

Medicina, Arte e Introspecção

Taciê Hartmann Tissiani

Eu sempre quis ser escritora. Mas não pela fama que o trabalho traria. Desde criança, sempre fui crítica em relação ao peso que escolhemos carregar. Alguns pesos são tão insuportáveis que adoecem quem os carrega. O reconhecimento e a fama têm propósitos, pesos e significados bem diferentes.

Na verdade, o que me intrigava, na escrita, era a conexão mística entre os pensamentos e o enredo construído. A mesma conexão do pintor com a tonalidade, do cantor com o timbre e do médico com o paciente, forma de arte que só fui conhecer bem mais tarde na vida.

Com o tempo, notei que os meus enredos escritos caminhavam no sentido da introspecção, eram sobre sentimentos, detalhes pequeninhos que constituem grandes castelos subjetivos, os quais só compreende, ao ler, quem reconhece o *inshigt* ou identifica-se com a metáfora.

A arte da escrita acolheu com carinho os momentos em que as minhas reflexões transbordaram a mente; abrigou o registro da individualidade mais profunda de alguns pacientes que cruzaram o meu caminho. Foi a expressão honesta do encontro da minha história com a história do outro. Difícil de mensurar, não é mesmo?

Mas todo o ser humano carrega uma imensidão consciente e, também, inconsciente. Poucos são os que têm a coragem de refletir verdadeiramente, de analisar a rachadura do ovo, o filete de uma flor e o detalhe da própria ferida. É doloroso, trabalhoso, lindo e recompensador.

Poucos têm a coragem e o privilégio de prestar bem atenção e reconhecer o cheiro da vida, o cheiro do amor, o cheiro da dor e, às vezes, em determinadas oportunidades, o cheiro da morte.

Certa vez, em uma epifania, daquelas poucas arrebatadoras, que vêm como uma tempestade e que, comumente, mudam rumo da vida do indivíduo,

decidi viver medicina. Naquela altura, eu já estava cursando o terceiro semestre.

Viver e cursar medicina são propósitos diferentes. Eu não queria viver a graduação, simplesmente, alheia, com uma barreira de concreto me circundando como em um forte.

Decidi ser inundada de sentimento, muito além da patologia, estudar o ser humano que me fascinava. A teoria é fácil, caro leitor, difícil é o enlace, o vínculo, a arte da relação médico paciente.

Aí que está o mistério, a nuance tênue entre um peso insuportável, do qual me referi antes, e do caminho expresso para a felicidade.

Quando eu tomei essa decisão, houve um encaixe na minha vida. Houve o entendimento da valorização máxima do recurso humano, da importância do olho no olho, do dar as mãos.

Aprendi sobre respeito à autonomia do paciente, sobre comunicação assertiva, sobre valorizar uma queixa, sobre ouvir histórias de vida, ao invés de história patológica pregressa.

Aprendi sobre a singularidade de cada pessoa, e como cada decisão e percurso são individuais e merecem respeito, sem reservas. Aprendi que o reconhecimento está nos olhos do meu paciente no momento da despedida.

Aprendi, finalmente, sobre a arte. Afinal, todo bom médico é um grande artista.



Autoria: Gustavo (Guga)

Técnica: pintura em acrílico e colagem

Espectro

Elisabete Maria Zanin

Gosto da chuva.

Gosto de dias chuvosos e cinzentos.

Gosto da chuva calma e tranquila, caindo como em um conta gotas.

Gosto de ouvir o leve tamborilar das gotinhas no telhado da minha casa.

Gosto de ficar olhando pela vidraça, as gotinhas escorrendo e formando pequenos riozinhos no vidro da janela.

Teve uma vez que meu pai e eu olhávamos as gotinhas lá no alto de um prédio, onde fomos visitar um tio vestido de branco.

O tio era carinhoso e gentil. Falava baixinho e pausado. Sorria para mim.

Mas não sei a cor de seus olhos. Fez algumas perguntas para o papai e anotou algo, num bloquinho de papel.

Depois, enquanto me balançava na cadeira, olhando as gotinhas escorrendo na vidraça, atrás do tio de branco, ouvi ele dizer, calmamente:

- Pai, isso faz parte das manifestações do TEA.

Papai e eu descemos as escadas e saímos do prédio.

Avistei a praça iluminada e o caminho molhado por onde iríamos passar.

Sempre passávamos por ali, para chegarmos em casa.

Continuava chovendo e as gotinhas caíam no piso amarelado, transformando-se em lindas rodinhas que sumiam na lâmina d'água.

Quis perguntar:

-Papai, será que elas estão brincando de esconde-esconde? Ou é a dança das rodinhas?

Mas papai estava pensativo e me conduzia pelo caminho, tocando de leve em meu ombro.

Não perguntei. As palavras não saíram.

Então, aproveitei aquele momento de paz e fui caminhando, de volta para casa, com meu pai.

Ouvir

Taina da Rosa Bourckhardt

"Eles acabaram de me dizer que a fratura aconteceu porque eu tenho câncer de mama. Que é grave e está em todo o meu corpo. E você diz que é uma estudante de medicina? Que diabos você está fazendo aqui?". Sua voz é rouca, e quando ela olha para mim, sinto o peso de seu olhar. Por um momento, hesito, depois, pergunto: "Se importa se eu me sentar?".

"O que me importa, você vai embora logo e sem poder fazer nada, de qualquer maneira. Ninguém fica por perto...". Eu não falo. Agora, não. Ela continua: "Sente-se, me diga como minha situação é ruim com as palavras difíceis que você já deve ter aprendido".

A dura verdade é que o dia seria mais fácil se eu não sentasse. Se ficasse ao lado do leito dela e falasse em parnasiano semiotécnico, realizasse um exame físico direcionado e seguisse em frente.

Sento-me e faço contato visual. Seu olhar é raivoso, acusador e, lá no fundo, temeroso. Ela tem quase o dobro da minha idade e, por um momento, me vejo através de seus olhos. Jovem. Inexperiente. Uma peça irrelevante do sistema.

Começo a falar e, quase imediatamente, sou interrompida. Eu sabia que ela estava aborrecida, mas subestimei sua raiva. Isso não é apenas sobre o câncer. Há mágoa também. Uma onda de tristeza muito maior do que posso imaginar e o meu instinto é desviá-la.

Dizer a ela que isso não é minha culpa, que sou apenas a estagiária e, rapidamente, iniciar um dos discursos pré-enlatados sobre como a equipe fará o melhor por ela, independente do prognóstico. Enfrentar emoções como as dela, de frente, pode ser aterrorizante. Em vez disso, uma memória distante me acalma. A voz do meu avô: "Só precisa ouvir, e ouvir bem!".

Meu avô não era um homem de títulos, ou posses. Estudou o necessário para aprender a escrever o próprio nome e foi o bastante para os seus 92 anos. Apesar disso, é consenso entre os netos que ele detinha uma habilidade mágica: a de apresentar soluções e palavras cirúrgicas de conforto para aflições que, aos nossos olhos, eram irremediáveis.

Quando criança, o questionei sobre como poderia conseguir esse superpoder, ao que ele respondeu: "Você tem duas orelhas e apenas uma boca.

Só precisa ouvir, e ouvir bem!”. Tornou-se um mantra para mim desde aquele dia. Quão simples e fácil a bondade pode ser, se estiver atento.

O olhar da paciente não está mais zangado ou assustado, mas desafiador: “Então... o que você tem a dizer sobre o tumor?”. Eu digo a ela que sinto muito. Que eu estou ali para ouvi-la.

À medida que o tempo passa, visito diariamente minha severa interlocutora no hospital. Sei que os diálogos com ela levarão mais tempo do que com qualquer outro paciente listado no meu caderninho, mas não há mais receio. Começamos a ter conversas que vão além do alcance de sua doença.

Até que me sento em seu leito pela última vez. Ela recebeu alta hospitalar e voltará para casa, para sua família. Fico feliz por estar em paz, cercada por pessoas que a amam. Com os olhos marejados, ela me agradece por “enfrentar a tempestade” ao seu lado.

Tudo o que eu fazia era sentar no quarto dela todos os dias. Sentar, ouvir e, eventualmente, falar. Não havia um grande remédio que eu pudesse prescrever, muito menos alguma cura. E, mesmo assim, tive o privilégio de dividir um guarda-chuva com ela na tempestade. Quando me levanto para sair, nos despedimos com um abraço, enquanto sinto aquela onda de tristeza finalmente me arrebatando.

Às vezes, enquanto circulo pelo hospital, me pego olhando para o número do quarto dela, lembrando. Percebo que quanto mais praticamos a medicina, mais rostos nunca nos abandonam. Mais memórias permanecem.

Só precisamos ouvir, e ouvir bem.



Autoria: Sadi Lando

Técnica: pintura em acrílico

Desafio aos Olhos

Elisabete Maria Zanin

O que você vê?

Linhas e texturas?

Contrastes, posicionamento e direção?

Luz e sombra?

Equilíbrio, simetria, regularidade e unidade?

Profusão ou economia de cores?

O que seu cérebro processa?

Linhas e retas que se unem, pareiam e se tocam, criando figuras, distâncias,
volumes e perspectivas?

Que Ciência usa?

Geometria plana, analítica ou espacial?

Quantas dimensões você percebe?

Duas ou três?

Mude de posição.

E agora, o que você vê?

Distâncias e volumes simulados?

Ilusão de profundidade?

Vemos o que nossas próprias crenças, personalidades e particularidades
permitem.

Estratégias podem enganar o cérebro.

Oportunize, para si mesmo, novas chances de olhar, compreender e agir.

A arte imita a vida.

Podemos perceber figuras e pessoas de maneiras diferentes.

Isso ocorre em razão das circunstâncias, capacidades de percepção, juízos
de valores e conhecimentos.

Então, assuma sempre novas perspectivas de análise!

Páginas Sem Fim, Joias de Valor Imensurável

Rafael Rossa Marsarotto

As mais valiosas joias que podemos encontrar somos nós mesmos, são as pessoas. Cada uma, joia única, cada uma, com valor inestimável. Valor esse, dado por nós mesmos e adquirido com cada momento, com o tempo gasto com cada uma, com o tempo gasto com cada gesto, com cada briga, com cada abraço, com cada beijo, com cada choro, com cada um. O tempo vivido, o tempo bem usado.

Cada uma com sua importância e suas falhas, ou melhor, suas normalidades. Cada uma do jeito que deveria ser. Dentro de cada uma, grandes histórias estão sempre à espera de alguém que as leia. Somos como os livros: alguns têm capa simples, mas um conteúdo intenso e repleto de emoções; outros têm capa dura, mas as palavras que habitam em suas páginas são as mais doces; uns são parnasianos natos, cheios de estrutura e métrica, porém sem conteúdo algum, e, também, há aqueles que ainda são apenas rascunho, mas já são obras-primas.

Porém, como se lê uma pessoa? Deixando ela mesma contar quem ela é. Entretanto, sem levar em conta a opinião alheia, já que muitos livros são, ao mesmo tempo, motivo de amor e rancor, assim como cada um de nós. E essa interpretação depende da bagagem do leitor, depende de tudo o que fez o leitor ser quem ele era até o momento daquela leitura. E é assim que julgamos um livro como bom ou ruim. E é assim que julgamos as pessoas.

E quando deixamos alguém contar quem verdadeiramente é, nós damos a chance para a verdadeira história fluir. Sem resumos, nem resenhas, apenas o texto original. Cada pessoa é um indivíduo, uma vida única, com palavras únicas. Mas, com uma vantagem sobre os livros: nós podemos ouvir o que cada um tem para nos contar e podemos contar a nossa própria história, podemos dialogar. E, com o diálogo, podemos mudar o percurso de um livro para sempre inacabado.

É Previsível

Eduardo Kloeckner

Há quem diga que a vida é feita de ciclos. Eu concordo. Muitas pessoas entram em nossas vidas, anualmente. Com algumas, essa relação se perpetua. Com outras, será apenas um momento. Porém, o que há de comum entre elas? O diálogo.

Repleto de questionamentos, ideias e conceitos. Abstrato ou concreto. Interpessoal, ou não. Aquele que é temido por uns e incansável por outros. Olha quem está aqui, novamente: o diálogo.

Agora, imagine que você está numa sala de espera, aguardando, ansiosamente, por uma consulta. Nela, além de você, existem outras cinco pessoas.

Em um determinado momento, Lúcio Mauro, que está sentado à sua frente, lhe pergunta há quanto tempo você está aguardando. O que é que ele acabou de estabelecer? O diálogo.

Importante, simples e direto. Às vezes previsível - como este texto. Mas não diga que não lhe avisei!

Atores da Vida

Rafael Rossa Marsarotto

É cômico e, por vezes, tenebroso observar como nosso comportamento é extremamente modulado conforme a ocasião. Assumimos quase que um papel teatral, fingindo uma realidade com gestos banais em busca de aceitação.

Assumir esse papel até pode ser eficiente durante um tempo, mas isso cansa. Carregar o fardo de ser quem não é, seja por escolha própria, inconsciente, ou de forma forçada, faz com que as relações fiquem superficiais; torna qualquer amizade uma grande angústia; torna a vida uma grande peça de teatro, cada um com seu roteiro de atuação, para que não ocorram erros, nem falhas, nem linhas tortas...Torna a vida um grande espetáculo, em que o público são os próprios atores e a crítica da obra está na consciência de cada um, na capacidade de julgar e de avaliar se o outro está fazendo o seu papel corretamente, se cada um está seguindo o planejado e o esperado. E, quem dita as falas e as cenas é a própria sociedade, com seus valores e tradições a serem seguidos. E, para ser aceito dentro desta obra, os atores não ousam errar, pois o público está pronto para julgar.

Porém, nem todo ator, ou atriz, ganha um oscar; nem todos seguem o roteiro, perfeitamente. Paradoxalmente, são estes, os falhos, que não atuam perfeitamente, os incorretos, os desleixados, os improvisadores, que realmente vivem. A vida é isso, não é roteiro, é imprevisto.



Autoria: Teresinha Zanin

Técnica: óleo sobre tela - pintura acadêmica

Passagem

Elisabete Maria Zanin

Semear
Colher
Moer
O Grão.

Preparar
Sovar
Assar
O Pão.

Reunir
Partilhar
Celebrar
A vida.

A Partida da Bondade

Taciê Hartmann Tissiani

No dia de hoje, quando o sol trazia os primeiros sinais do início de um dia na cidade, uma casinha estalava, enquanto as chamas incandescentes a consumiam.

Aquela era uma casinha de madeira, chamada Vida. Anos antes, a senhora Bondade, residente da casinha, havia, ela mesma, pintado os muros de uma cor azul muito serena e acolhedora. Quando passávamos a pé, ainda crianças, pela rua de calçamento, em frente à casa, tínhamos a impressão de que ela havia demarcado um pedacinho do céu.

Observávamos, cuidadosamente, o jardim, cultivado com tanto zelo. Havia uma variedade de flores tão lindas, e Bondade, já idosa e grisalha, fazia companhia para elas, todos os dias. Era tão bonito vê-la plantando. A vida crescia com tanta força, naquele pequenino pedaço de terra, que dava a impressão de Deus ter dado licença para Bondade criar suas próprias plantas.

É fácil lembrar o reconfortante cheiro de pão de milho que emanava daquele lugar, em algumas tardinhas. Ao ir para casa, no final de um dia de brincadeiras, empregávamos pouco esforço para empurrar o pedal da bicicleta, já que era tão agradável a atmosfera ao redor daquele lugar.

Durante a madrugada, o Mal, filho de velhos conhecidos da senhora Bondade, batera à porta, pedindo por ajuda. Como a senhora Bondade conhecia a situação pouco próspera do jovem moço, abriu a porta.

Mal, consumido, completamente, pela ganância, deu início à barbárie.

...

A primeira faísca surgiu em meio à miséria e à doença humana. A vítima não teve como escapar, pois fora amarrada pelo seu amor infinito ao próximo. O Mal levou o dinheiro e fugiu.

Os vizinhos viam, ao amanhecer, as labaredas agressivas abraçarem a casa, destruindo tudo que havia de físico. Nos olhos de alguns, podíamos notar o pavor que o ato de selvageria causara; em outros, o desalento e o pesar escorriam pelo rosto. A vida queimava.

Os raios de sol e nuvens formaram para Bondade, naquele instante, uma comovente pintura no céu, misturando o azul, o amarelo, o cor-de-rosa e o laranja da aurora matinal, com maestria.

Santa Rita, de quem dona Bondade era devota, a recebeu no céu:

-Ô, dona Bondade. Fique à vontade! Sente aqui para prosear; o mate já está pronto e o pão de milho não tarda para assar.

Como Deve Ser?

Rafael Rossa Marsarotto

Quão entediante e desmotivador é, ou deve ser, ter uma vida completa e com todos os objetivos alcançados.

Quando a comodidade chega, o brilho da conquista perde o seu valor; a vida perde o seu valor. Quão tristes serão os momentos seguintes após o êxtase da conquista do emprego perfeito, da empresa perfeita, da família perfeita, dos amigos perfeitos, da casa perfeita... mas, da vida imperfeita.

Qual será a angústia de saber que, agora, resta apenas a velhice, apenas ver o tempo passar. Resta apenas, ano a ano, ver as folhas caírem e o inverno chegar.

Como deve ser olhar para trás e perceber que o passado é só memória, é só tempo que já não existe mais, é só tempo que nem é mais tempo?

Como deve ser olhar para o passado e perceber que aquilo que parecia uma vida ótima não passava de uma breve cena de um coadjuvante no filme da vida?

Deve ser por isso que toda criança sonha em mudar o mundo, mas todo adulto sonha em mudar de carro. Deve ser por isso que mudar o mundo, quando adulto, é coisa de louco.



Autoria: Teresinha Zanin

Técnica: óleo sobre tela - pintura acadêmica

Um Caminho... Um Lugar...

Elisabete Maria Zanin

Para trilhar
Para chegar
Para aconchegar.
Sonhar!

Território colorido
Florido
Lindo.
Seja bem-vindo!

Espaço infinito
Místico
Em tons pastéis.
Cordéis!

Memórias
Histórias
Eternas vitórias...
Do existir!

Árvore-Ser

Taina da Rosa Bourckhardt

Lembro-me de quando eu passava horas no robusto ipê da praça em frente à casa do meu avô. A sensação indescritível de flutuar foi facilmente alcançada lá, e só parava quando se queria parar.

Quando criança, a ideia de ser independente e levar uma rotina atarefada em qualquer outro lugar parecia ser incrível, mas ainda muito distante de ser alcançada. Mesmo agora, enquanto eu me sento novamente nessa árvore, contemplando tudo que fiz até então, parece distante.

Eu gostava de subir tão alto quanto pudesse ir e, se um galho se tornasse muito fino, bastava mudar minha direção. Dessa forma, as possibilidades eram - ingenuamente - infinitas.

Percebo, agora, que essa simplicidade não me escapou totalmente, mas manifesta-se de diferentes modos. Muitas vezes, fico caminhando sobre galhos sem notar o quão finos eles se tornaram, ou encontro um espesso o suficiente para que eu possa, simplesmente, me acomodar lá.

Eu aceitei o fato de que, provavelmente, não vou sair dessa árvore tão cedo; então, agora, é apenas uma questão de descobrir para onde ela vai se ramificar. E espero encontrar tantas analogias baseadas em árvores quanto for possível ao longo do caminho.

Momentos

Rafael Rossa Marsarotto

O que significa aproveitar um momento: viver o presente, viver o agora e desfrutar de cada segundo do tic-tac do relógio?

O que significa viver intensamente cada momento e viver uma história que é escrita a cada dia que passa?

Antes de tudo, viver o agora é não ter medo do futuro, o que não significa zerar o estoque de medo, já que, às vezes, é o medo, em pequenas porções, um dos temperos que tornam uma conquista, ou realização, mais especial.

Viver o momento é aproveitar toda e qualquer oportunidade de elevar o nível das coisas, das relações, das pessoas.

É seguir o caminho, sem a preocupação do que será ganho, ou perdido. É saborear cada momento com calma, com tempo, com jeito, da mesma forma como quem degusta um bom vinho.

Os momentos bem aproveitados são aqueles em que, por um segundo, o tempo para e apreciamos cada detalhe, cada curva, cada olhar, cada cheiro, cada toque. E, quando o tempo volta ao normal, aquele momento continua ali, congelado, como se fosse uma pintura. Ele vira memória.

Reflexos de Mim em Meu Caminho

Giovanna Sanagiotto Ross

É nas esquinas do meu dia em que mais tenho delírios, e eles se expressam no momento em que mais estou vulnerável a qualquer alienação, como lavar a louça.

É lavando a louça que eu não preciso prestar atenção em nada, exceto no sabão, nas bolhas, nos pratos, nas xícaras. Neste momento, fico em constante sinergia com minha mente, focada no sabão, nas bolhas, nos pratos, nas xícaras e em meus pensamentos.

Engana-se quem considera fácil prestar atenção em meus pensamentos, pois ao invés de pensar, me rendo à criança interior e, sem ao menos me permitir, sou completamente dominada pelos pensamentos.

É no meio do turbilhão de ideias que ressoa um "quem és tu?", "para onde deseja ir?", "se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve", como disse o gato para Alice.

De fato, não sou Alice. As "Alices" não sabem para onde vão e apresentam dúvidas se questionadas sobre quem são. No meu caso, sei quem sou e sei para onde não quero ir.

Eu sei quem sou, pois foi preciso realizar vários cursos para ser eu mesma: violão, pintura, arte circense, espanhol, e tardes de mate doce com a minha vó.

Desde a minha infância, fui sonhada, moldada, requisitada e aceita. Custou muito de mim para ser eu mesma; me custa muito manter eu mesma. Honra a tua verdade, a tua verdade. Sempre tive minhas verdades, isso posso dizer. O cerne da questão sempre foi: posso ser eu mesma onde as regras do mundo não me permitem?

A dança das esquinas do cotidiano e da rotina na profissão que escolhi para mim, a medicina, sempre me atormentaram; como viver em homeostase com a criatividade e manter responsabilidades e doação para algo que te enjaula?

Escrever me enjaula. Enjaula minha mente, que precisa diminuir o ritmo dos pensamentos para, meramente, fixar em código o que penso. A parte boa é que escrever é sublimar as emoções.

Sim, eu faço muitas pausas, mas meu pensamento nunca. Seria isso patológico? Tenho várias hipóteses criativas acerca disso. Seria esse o meu ensaio sobre um possível TDAH?

Prefiro admitir que é apenas a minha criança interior tendo voz no meu mundo adulto. Me falta fantasia nesse mundo tão real.

Mas eu já não sabia quem eu era?

O bom é que, além de pensar demasiadamente, eu falo muito. A diferença é que eu aceito muito bem esse fato. De certa forma, fica mais leve para eu compartilhar devaneios e não ficar em um silêncio profundo; se bem que o silêncio profundo nunca está presente, pois não há silêncio em meus pensamentos.

Isso não é melancólico, adoro minha companhia; super concordo comigo, na maioria das vezes; é cômico, de total conhecimento; essa é minha vantagem sobre Alice.

Alice, a vida é curta para ser pequena, uma vez me disseram, não te apegue, coragem.

Sinto que minhas reflexões são para não me apegue, mas deixo o sentido de grandeza da massa de lado; são para reconhecer a vida e as relações que me deixam viva, porque eu sei quem sou, e isso basta.

Não, na verdade, nada basta quando trato de vidas e de sentimentos, seja a minha ou a de terceiros, e isso não é ruim como eu pensava antes de não saber quem eu realmente sou e como sempre posso estar em consonância com o momento e com novos aprendizados sobre mim e sobre os outros.

Nada basta, pois o fim não é o fim, e as oportunidades nunca são escassas; não posso olhar para a vida e pensar que apenas vai acabar, de forma física e fria. De certa forma, entender isso representa um cuidado paliativo comigo e com os outros.

Refaço o exercício de me colocar em pensamento no local de cada pessoa que está num leito de UTI. O cuidado nunca basta. Não basta, pois eles sabem quem são, e todos sabem quem são pelas dimensões dos seus seres, pelas histórias que todos podem conhecer; se quiserem, pelas tatuagens que expressam e pela vitalidade que apresentam nas relações com seus entes queridos, que estão ali, transmitindo boas energias.

Cuidar é envolver-se; envolver-se consigo mesmo em pensamentos, ou com outras pessoas na magnitude de seus seres, e dos seus amores.

Quem não se envolve, não cuida, não trata.

Nesse momento, sinto a pia, o sabão, as bolhas, os pratos, as xícaras. Como é bom ter a pia comigo, fugir desse universo maniqueísta e me fortalecer na ideia de que "para viver, não basta estar vivo".



Autoria: Nazaré Zílio

Técnica: pintura em acrílico

Araras e Aráceas

Elisabete Maria Zanin

Arara, araracanga, ararapiranga.

Ara chloropterus

Anda em bandos ou pares

Fazendo festa em setembro.

A'rá: aves de muitas cores!

Asas em verde folha - chloropterus

E corpo em ipiranga.

Inspira a tapiragem plumária

Numa explosão imaginária.

Monstera deliciosa

ou apenas

Costela de Adão!

Com leques verdes franjados,

Escala altas florestas

Buscando a luz do dossel!

Passarinhos na Cabeça

Giovanna Sanagiotto Ross

Ao longo de minhas viagens de ônibus, prefiro a poltrona do corredor do que a da janela. Essa preferência se estabeleceu ao longo do tempo, pois fui preferindo observar os comportamentos das pessoas do que a paisagem. As paisagens da minha região dificilmente mudam; já as pessoas são uma caixa de surpresas.

Há muito tempo, não me recordo de quando o conheci, mas recordo que foi uma das pessoas mais enigmáticas de meu trajeto, seu Olivar, o motorista de ônibus metropolitano mais gentil.

Todos na cidade o conheciam, admiravam, e queriam estar perto dele, ele era atencioso, prestativo e muito preocupado com o bem-estar dos passageiros.

Com ele íamos todos, meus pais, minha avó, meus tios e meus primos. Olivar nos conduzia pela cidade como ninguém. Falante e bem-humorado, lembro-me que morava perto de minha casa. Nas horas vagas, dirigia um carro amarelo como o sol. Sempre perguntava-me se eu já havia tomado sorvete nos dias de calor. Eu e Olivar, de fato, tínhamos uma ligação que não consigo explicar o motivo, talvez porque eu era a primeira da geração mais nova ao andar em seu ônibus, mas prefiro acreditar que era pelo tanto que eu o observava e tentava entendê-lo.

Lembro-me da primeira vez que temi pela partida de Olivar, em um acidente, distraído, enquanto prestava serviços no jardim de minha avó, cortou seu dedo do pé direito com uma motosserra. Minha avó o chamou de doido, talvez ele só estivesse com a cabeça em outro lugar, como eu estou hoje. Foi também por causa de Olivar que comecei a sentar na poltrona do corredor e apreciar as pessoas e seus comportamentos.

Nesse fatídico dia, no ponto inicial exato, nos meus pensamentos, estava eu sentada na poltrona da janela e, de repente, o ônibus muda de direção, em virada brusca de trajetória. Minha mãe ficou muito preocupada, pois havia muito tempo que ela não percebia as mudanças de trajetória inesperadas que ele fazia. Resolveu ir conversar com o motorista, para saber

o que estava acontecendo. Nesse momento, eu comecei a escrever. E eu escrevia cada movimento, cada girada no volante, cada retorno do volante a posição inicial que ele deixava de conduzir com as mãos, e, assim, começou, que me recorde, minha brincadeira e vício de analisar.

Desde então, percebi que ele nunca pegava o mesmo caminho para um único destino. Percebi que, quando estava feliz e animado, virava mais às direitas e, quando estava aborrecido e distraído, não havia um padrão possível. Nesses dias, ele se arrependia de dobrar à esquerda e voltava uma quadra para poder dobrar a rua à esquerda.

Seu Olivar era uma surpresa, trabalhava muito. Às vezes, ele ia trabalhar com a pilcha gaúcha; às vezes, com as roupas velhas esfarrapadas e sujas; às vezes, ele parecia um ator global, lindo, como era lindo, mas acho mesmo que ele preferia as roupas quentinhas do inverno. Minha avó até fazia blusas de lã para ele como recompensa do serviço exemplar que prestava para a família.

Pelo que eu saiba, ele também gostava muito de animais, os de grande porte, principalmente; porém, no início, eu achava que ele gostava mesmo era de aves, isso porque, em uma dessas minhas viagens, seu Olivar estava com um quero-quero em sua cabeça. Pensei que fosse seu novo escudeiro, mas logo notei que ele tinha alergia às penas. O que eu achava ser de sua escolha, após algumas viagens, anotações e análises, percebi que o incomodava. Nesse momento, eu percebi que quero-queros em cabeças não são confortáveis ou, no mínimo, fáceis de equilibrar. Acho que o atrapalhava em suas manobras; o ônibus ficava cada vez mais desgovernado, mais imprevisível.

Não o julgo. Também não conseguiria conduzir um ônibus pela cidade, com várias famílias dentro, e um quero-quero em minha cabeça.

A predileção do quero-quero pela cabeça do motorista não passava. Não sei dizer se os outros passageiros notaram logo de cara, pois poderiam estar prestando atenção na paisagem, mas eu notei. O quero-quero passou a bicar a cabeça de seu Olivar a cada quadra, a cada troca de marcha. Quando chegávamos ao destino de cada viagem, ao final de cada dia, ficava cada vez mais doloroso e insuportável iniciar uma nova.

Ele não queria mais viajar conosco e a maioria de nós entendeu, ou passou a entender, ao longo das cicatrizes dos quero-queros. E todo mundo

bem sabe que esses pássaros só atacam na cabeça. O que ele poderia fazer se, para dirigir, é preciso usar as duas mãos e para espantá-lo também?

No fim, eu estava certa. Ele tinha problemas sérios com pássaros, mas não era a alergia que eu suspeitava. Quando percebi isso, notei também que nunca conseguiria fazer a análise precisa sobre ninguém, por mais viagens que eu fizesse e por mais análises em que eu a percebesse.

Ao longo dos anos, minha família também percebeu o caos que o quero-quero estava instalando na vida de seu Olivar. Porém, nesse momento, já não era mais possível afastar o pássaro, por mais barulho que fizesse, por mais espanto que a ele causasse. Aparentemente, ele havia se enraizado, como um câncer.

O motorista, então, foi afastado, e minha avó ficou na direção do veículo. Como minha avó havia iniciado a jornada de ônibus, minha mãe iniciou a jornada de afastar o quero-quero para sempre, nos bancos ao fundo, perto do banheiro, enquanto minha avó realizava a pilotagem, sempre foi uma exímia motorista, às vezes, um pouco rude com os pedais, mas fazia com amor.

Devo admitir que minha mãe ficou com o serviço mais difícil, e disso eu sabia, e ela também.

Comigo foi deixada a missão de analisar, que era o que eu sabia fazer, ou, pelo menos, achava que sabia; e, pela idade avançada de minha avó, eu também ajudava ela com os passageiros que, após a troca, vieram muitos, a maioria bem pequenos.

Como já era esperado, porém, não assumido, minha mãe não conseguiu afastar a ave, nem ninguém, passageiro ou não passageiro.

Seu Olivar, por não aguentar mais tanta dor, e sabendo que também encontrava-se passageiro, decidiu partir e encerrar sua jornada.

Essa partida foi dolorosa para todos os passageiros. Antes de sua partida, esqueci de contar a ele que, mesmo após muitas análises, eu o aceitava. Aceitava, também, suas dores, angústias e passarinhos, mas isso deve ficar para uma próxima viagem, em que sentarei na poltrona do corredor e ele será, novamente, meu motorista.

A Vida e o Amor

Rafael Rossa Marsarotto

Clarice Lispector, uma vez, tentou compreender qual era o sentido de começar a amar alguém, se um dia essa chama se apaga. Porém, talvez, esse seja o grande sentido do amor: ele surge para marcar uma época, uma data, uma lembrança. Ele serve para lembrar que a vida corre, para nos ajudar a buscar um sentido nesse tempo que passa tão rápido. O fato de poder sentir diferentes amores por diferentes coisas ou pessoas se deve ao fato de que a vida é dinâmica, ela sempre muda. E isso acontece para ressignificar a vida, mostrar que uma fase passou e, agora, é preciso seguir adiante.

Como disse Guimarães Rosa: "o que a vida quer da gente é coragem". Ela quer coragem para lidar com as mudanças, para aceitar o tempo das coisas e das pessoas, para pedir desculpas, para aceitar e corrigir os erros. Por isso, julgar alguém, pelo simples fato de não concordar conosco, é um equívoco. Como disse Saramago: "o certo e o errado são apenas modos diferentes de entender nossa relação com os outros". O que nos falta é nos colocarmos no lugar do outro, é observar a vida por outra janela, em que a mesma paisagem pode ser diferente.

Claro que isso, às vezes, dói; mas, sem dor, não saberíamos medir a felicidade; ela seria apenas mais um sentimento qualquer, sem nenhum oposto para comparação. A felicidade só pode existir se houver dor e tristeza, e isso é belo, porque a vida é assim.



Autoria: Nazaré Zílio

Técnica: pintura em acrílico

5 de Junho

Elisabete Maria Zanin

Entre o verde, azul e amarelo
Desponta o branco da paz.
Brasil, por quem choras?
Pelas milhares de vidas perdidas
Pela biodiversidade erodida
Pela frágil saúde da Terra
Por saudade da rara Arara,
Do tucano-toco,
Da caturrita amarela,
Das Helicônias vermelhas e
Dos frutos de nossos antigos quintais.
Brasil, o que podemos fazer?
Restaurar o degradado,
Sanar o adoecido,
Amar todos os seres vivos,
Semear a esperança,
Difundir a verdade,
Respeitar a Ciência e Regar a paz!

Jovens

Rafael Rossa Marsarotto

Uma característica dos jovens é querer mudar o mundo, só que, às vezes, não sabemos delimitar até onde ele vai: se vai até a lua, ou até a fronteira; se vai até a esquina, ou até os limites da derme e da epiderme.

Todo jovem tem essa utopia dentro do coração, e são essas utopias que fazem o mundo ir um pouco pra frente, como disse Emicida na apresentação do seu álbum "Amarelo": "o homem que sonha em chegar à lua, talvez chegue ao topo de uma árvore, mas o homem que sonha em chegar no topo de uma árvore, talvez nem saia do chão".

Todo jovem quer fazer da vida uma boa história pra contar. Quer ter boas memórias pra lembrar, pra sorrir, pra chorar; quer ter bons amigos pra conversar, ou só pra ficar junto mesmo. Todo jovem quer fazer algumas loucuras, pra dizer que é fora do normal. Todo jovem quer viver, sentir, experimentar; quer o direito de ser jovem. E, todos podem ser jovens, basta, apenas, acreditar.

Tudo Isso é Sobre o Devir e Sobre Minhas Fugas

Giovanna Sanagiotto Ross

Escrever, para mim, é organizar. Organizar, para mim, é uma tarefa muito difícil, pois são muitas coisas para dar nome, descobrir a função, classificar e, depois, dispor em ordem.

Eu era muito diferente do que sou agora, mas minha essência desorganizadora persiste. Ela persiste, pois eu ainda insisto em escrever o texto e começar pelo título e não o pondo no final, de acordo com o todo. Isso deve ser porque o final muda muito e muda o tempo todo. Nesse caso, é impossível fugir do tema, pois tudo é mudança, e tudo muda o tempo todo: o pensamento, a narrativa, o sentimento, o ponto de vista pelo qual você está olhando, ou mesmo as novas informações para julgá-lo.

Estava a pouco refletindo sobre Epicteto e Marco Aurélio; ambos estoicos, defendem as mesmas ideias do ponto de vista filosófico, mas levavam vidas tão diferentes: o primeiro escravo e o segundo imperador.

A princípio, não foram as suas ocupações o que mais me chamou a atenção e, sim, como encaravam a vida e suas peças. Penso que eu devo ser mais estoica em minha vida, para sofrer menos, encarar a vida como ela é, não no sentido passivo de aceitar, mas na forma nua e crua de reconhecer e encarar.

Em meu dia a dia, algumas coisas são difíceis de serem encaradas; alguns processos de finitude são mais dolorosos do que outros, e eu admito que tem muito ego envolvido nesses processos que são mais difíceis, pelo fato de que foi feito com excelência e, mesmo assim, não foi o suficiente para mudar aquele fim.

Diante disso, eu preciso refletir sobre finitude, sobre *memento mori*, mas, em outras situações, não só sobre a vida em meu ser biológico, ou nas pessoas que me cercam. Sobre esses fins o consolo, seja ele qual for, ou de onde venha, eu consigo sustentar.

A finitude que me perturba no momento é sobre as dinâmicas do meu ser, sobre as minhas relações; é sobre como sustento algumas mudanças, essas que sempre me atormentaram.

Às vezes, num movimento desesperado, gostaria de, apenas, me agarrar em algo e não recuar daquela posição sob nenhum pretexto, mesmo que não seja mais verdade, mesmo que não seja mais a minha verdade, e reconhecer isso dói muito.

De certa forma, entendo por que algumas pessoas gostariam de congelar seus corpos, ou seus entes queridos, porque, em muitos momentos, eu só queria me congelar, ali, naquela fração de segundo, com aquele sentimento, com aquela plenitude, com aquela companhia.

Às vezes, quando reconheço esses momentos, brinco comigo mesma de piscar bastante, para, talvez, criar uma memória fotográfica congelada daquela visão que estou tendo e conseguir lembrar um pouquinho do sentimento que tive naquele momento.

Gosto do conceito que o Clóvis de Barros traz para esses momentos: ele chama de momentos de inéditas pamonhas, simulando a preciosidade da primeira vez que você prova a pamonha e como a experiência é única.

Eu coleciono várias inéditas pamonhas em minha mente e tenho dificuldades para reconhecer que são únicas, finitas e objetos do devir.

Elas mudam e eu também preciso. Eu e o devir estamos em constante luta em minha trajetória. Eu tento barrá-lo, mas a dinâmica da vida só continua, e é na dor que eu o percebo, e é na dor que eu aprendo com ele e mudo. Até então, a minha excelência só me permite mudar pela dor, um pensamento bem infantil, ainda, diga-se de passagem.

Devo admitir que não progrido mais, pois quando me deparo com a dor, numa tentativa de sobrevivência, entro em meu palácio mental, e no palácio de tijolos, com um letreiro vermelho bonito na frente escrito "emergência", e guardo todos os acontecimentos em caixinhas, para que, um dia, eu possa abri-las, quando tiver mais excelência, e lidar com a dor e poder fazer parte do devir da vida e do meu dever.



Autoria: Ivone Demoliner

Técnica: pintura em acrílico

Vida 360°

Elisabete Maria Zanin

Mais do que gerar, ser mãe requer comprometimento com a vida.

Comprometimento com todas as formas de vida.

Compromisso com o cuidado, acolhimento, presença e amor.

Amor esse não necessariamente nascido de laços de consanguinidade.

Mas um amor que se vive, se expressa e se silencia.

Um amor que justifica, determina, agrega, supera, perdoa, prolonga,
sustenta e orienta.

Amor em forma de luz, ternura e abraço!

Porque amor não é Ciência, é partilha!

É vida em 360°!

Coragem

Taina da Rosa Bourckhardt

Quando pequena, sempre te defini como "coragem", palavra que deve ter protagonizado dezenas de cartões de dia das mães e, também, as atividades da escola. Isso porque eu ainda não conhecia a "resiliência". Com o tempo, entendi que coragem não foi, necessariamente, uma constante pra ti, mas as dificuldades, ah!, essas foram. E tu enfrentaste todas elas, mesmo com medo, cansada, ou lidando com conflitos internos, venceste uma a uma com graça.

Quem conviveu conosco, nos últimos meses, sabe que eles foram especialmente duros contigo. Aprendi, nesse período, que a habilidade de superar dores e obstáculos, sem perder a essência, é algo para poucos. A tua se manteve ali, intacta, ainda transbordando amor.

Talvez um dia a gente entenda a imensidão desse amor de mãe. Talvez um dia, nós, que ainda não experimentamos dar a vida a alguém, saibamos de onde vem tanta força e bravura, tanto empenho e afeto. Quem sabe, no futuro, olhando meus filhos, eu compreenda o que te movia na missão de me criar, me erguer, me formar, ainda que sob o custo de teus próprios sonhos (porque ser mãe também é isso: abrir mão do singular).

Te ver voltando para a profissão que tanto ama e exerce com excelência me emociona profundamente, porque foi observando o teu "cuidar" que encontrei o meu. O mesmo altruísmo que te move na enfermagem é o que permite que eu seja inteira e dona do meu caminho, sem deixar de ter refúgio e amparo nos teus braços.

Tu, que sempre seguraste as rédeas e conduziste os rumos, tens sido a mola que me lança ao mundo e motiva meus voos. E como é mais fácil voar quando se tem a garantia de chão seguro, caso precise aterrisar...

Mãe, te amo com tudo que tenho.

Sorte

Taina da Rosa Bourckhardt

Não acredito em sorte, predestinação, ou no conceito maquiavelista de fortuna, mas não dá pra atribuir só ao acaso a ventura de te ter como mãe, né? Logo você! O ser mais admirável que eu conheci na Terra...

Você, que me deu à luz e acolheu, afetosamente, o papel de mãe, sem saber que, em pouco tempo, também seria pai. Que moveu o mundo, só pra que o meu fosse o mais confortável possível; pra que eu tivesse tudo que você não teve; pra que eu não precisasse passar pelos mesmos sofrimentos que te marcaram, ou pra que os erros que eu cometesse, me fizessem aprender, com menos dor do que você precisou passar.

Fez tudo isso sem qualquer questionamento, sem reclamar da tal 'sorte', sem o reconhecimento devido, com um mar de adversidades pra superar e uma coragem que, meus amigos!, me faz suspirar de encanto.

E é por isso - e mais uma infinidade de motivos que eu não sou capaz de expressar - que, tudo que eu sou e aspiro ser, devo a você. Todos os meus esforços e conquistas, são e serão pra você.

Muito obrigada por me aceitar, compreender e apoiar, apesar de todas as minhas falhas e imperfeições. No entanto, meu maior agradecimento é por me ensinar, diariamente, o que é o amor e que ele não se manifesta só no "eu te amo", mas nos pequenos "tá bem agasalhada?", "já preparou o almoço de amanhã?", "leva o guarda-chuva!", "falei que não era pra fazer isso, tá vendo?!", "vê se me liga, né?", "ainda tem frango no congelador?", "se cuida, tá?" etc.

Então, sorte, sim!, de ter um lugarzinho privilegiado na tua vida, só pra te amar.

Mais sorte ainda é ser amada por você de volta.



Autoria: Teresinha Zanin

Técnica: óleo sobre tela

Natal em flor!

Elisabete Maria Zanin

Neste Natal
Ilumine, sendo luz!
Perfume a vida!
Decore com flores!

Nos vasos de cristal, use buquês de Margaridas.
Nas floreiras das janelas, plante Gerânios vermelhos e brancos,
Cravos e Cravinas nos canteiros dos jardins,
Girassóis e Jasmins no entorno dos portões.

Enfeite sua árvore de Natal com Rosas carmim.
Coloque Sempre-vivas no bercinho de Jesus.
Salpique flores de Três Marias pelo presépio.
Embeleze, ainda mais, a cena, com Brincos de princesa.

Alegre a mesa com Miosótis e Agapantos.
Finalize as saladas com flor de Capuchinha.
Disponha ramos de Alecrim junto da porcelana.
Distribua, pelos balcões, guirlandas de Hortênsias coloridas.
Faça geleia de pétalas de Rosas-chá.
Perfume pães com *Rosmarinus*.
Saborize a água com *Hibiscus*.
Aromatize o licor com Anis.

Espalhe raminhos de Lavanda pela casa.
Arremate os laços dos pacotes com Papoulas.

Envie cartões com Amor-perfeito.
Presentei com buquês de Mosquitinho e Flor-de-lis.

Perfume-se com água de flor de Laranjeira.
Use uma tiara de Madressilvas no cabelo.
Beba um chá de Camomila.
Use Verbenas como pulseira.

Para finalizar, não esqueça...
Reúna todas essas flores
Com seus odores e cores
E as espalhe, por todo Ano Novo que está por vir!

